

## O corpo como expressão de luta, arte e resistência: a capoeira

De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta, pela expressão, a via corporal foi o percurso adotado para combate, resistência e construção da identidade.

Segundo Julio Tavares (1997), a capoeira pode ser vista como modelo desse processo, pois há séculos sua presença demonstra o caráter aglutinador que esta função lúdico-corporal vem cumprindo na história dos negros e negras. A capoeira constituiu-se numa possibilidade para os escravizados diante das adversidades e dificuldades colocadas pelo regime escravista; em uma prática para cultivar as tradições, as crenças e a dignidade humana de homens e mulheres negras.

Ao africano escravizado no Brasil e aos seus descendentes que nasceram sob o regime da escravidão era interdito o acesso ao seu próprio corpo. Seus corpos eram obrigados a trabalhar sem cessar, de acordo com o ritmo da plantação, da mineração, da Casa-Grande, ditado pelo mundo dos brancos. Também eram obrigados a se comportar de determinada maneira e a atuar no cotidiano inventado pelo colonizador da forma como este julgava necessária e apropriada. O corpo do escravo era violentado pelos senhores e senhoras de forma bestial, para atender desejos e fantasias sexuais, as mais diversas.

Os corpos hábeis, dinâmicos e produtivos dos africanos escravizados foram transformados em coisa, em peça, em máquina de realizar trabalhos forçados. Nos navios negreiros, os cabelos, marca de identidade, eram raspados, povos de diferentes matrizes linguísticas eram misturados, sequestrando-lhes a possibilidade da fala, causando-lhes dificuldades de comunicação. Esse processo de violência não é atenuado com a chegada dos navios negreiros em terra firme. Antes, era aperfeiçoado no interior das senzalas e na vida cotidiana do escravo.

O corpo, que já era um forte símbolo de identidade para os diferentes povos africanos, expresso por meio dos penteados, das escarificações (marcas feitas na pele com instrumento cortante) e perfurações que os nossos ancestrais traziam nas suas peles, passa por um processo de resignificação no contexto da escravidão e do pós-abolição. As identidades das diferentes matrizes africanas inscritas nos corpos negros dos africanos, aos poucos, foram sendo modificadas, reinterpretadas, ganhando novas forças com o surgimento de novas gerações, nascidas no Brasil.



Penteados africanos (cartão-postal Campanha de Amizade à África, Laea – Liga dos Amigos e Estudantes Africanos, e-mail: laea1@yahoo.com).

Essa força possibilitou aos africanos escravizados e seus descendentes a organização de uma complexa rede de resistência. As transgressões foram surgindo uma após a outra, cada vez mais elaboradas e articuladas. Os negros transgrediram o cotidiano das fazendas, das senzalas, das roças, das minerações, das cidades.

Nesse processo, o corpo foi o principal veículo de resistência e transgressão. Por meio dos jogos, das festividades, da dança, das cerimônias religiosas de iniciação, das ervas ingeridas, da transformação dos alimentos, das intervenções estéticas no corpo e, sobretudo, nos cabelos, os negros recriaram tradições, inventaram novos símbolos, guardaram a memória ancestral e as ensinaram às novas gerações. Influenciaram, também, a educação dos meninos e das meninas brancas. Introduziram novos hábitos e paladares ao universo cultural dos senhores e das senhoras. Realizaram trocas estéticas, culinárias, linguísticas e de resistência com os povos indígenas. Nesse processo, a tradição gestual e oral destacou-se como um dos principais elementos.

Os africanos escravizados introduziram uma vigorosa identidade corporal e musical nas terras por onde passaram. Por isso, para o negro africano deportado para as Américas, os maracatus, os afoxés, o *soul*, o jazz, o *reggae*, o mambo, o samba, o *funk*, o hip-hop e, entre outras expressões,

a capoeira, podem ser considerados as linguagens que mantêm viva a transgressão herdada dos nossos ancestrais da África Negra.

## Os primórdios da capoeira

A capoeira como manifestação cultural é um tema muito debatido e recebe abordagens diferentes. Uma gama de estudiosos de diversas áreas tem contribuído para o debate em torno desta temática e para conceituar esta prática típica da cultura brasileira, dentre eles o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares (1999), um dos estudiosos da capoeira no Brasil.

Abordaremos nesta parte o papel que a capoeira teve no processo de construção da identidade e da resistência negra no Brasil. Para tanto, destacaremos alguns aspectos dessa luta, apontados por pesquisadores da temática, na tentativa de recuperar um pouco de sua história.

De acordo com Almir das Areias (1983)

*“a capoeira é música, poesia, festa, brincadeira, diversão e, acima de tudo, uma forma de luta, manifestação e expressão do povo, do oprimido e do homem em geral, em busca da sobrevivência, liberdade e dignidade” (O que é capoeira. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 8).*

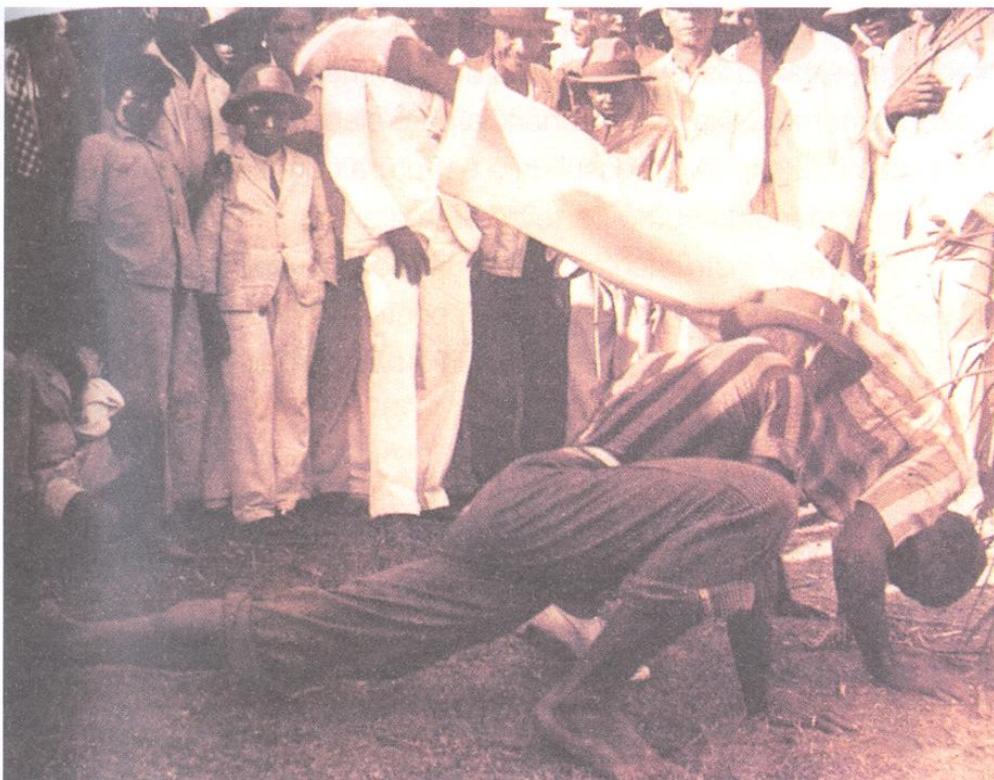
Segundo esse autor, a história da capoeira passou por quatro fases importantes:

- a do início da escravidão, quando o escravizado, usando apenas o instinto de sobrevivência, tentava usar o seu corpo para livrar-se do sofrimento e fugir;
- a da áurea dos quilombos, na qual a capoeira já era uma das armas necessárias aos quilombolas para a defesa;
- a da proibição oficial da capoeira após a Abolição, e,
- por fim, a fase da sua liberação, no ano de 1932.

Os escravizados não possuíam armas suficientes para se defender e descobriram formas de enfrentar as armas inimigas e o jugo da escravidão. A capoeira é uma delas.

Areias ainda nos conta que, inspirando-se na natureza, observando as brigas dos animais, as marradas, coices, saltos e botes, utilizando-se das estruturas das manifestações culturais trazidas da África Negra (como, por exemplo, as competições, brincadeiras, praticadas em momentos cerimoniais e religiosos), aproveitando-se dos espaços livres que aqui abriam no interior das matas, os negros criaram e praticaram uma luta de autodefesa para enfrentar o inimigo. É o surgimento da arma do corpo, enfrentando

o poder dos senhores, dos feitores e capitães do mato, para defender a qualquer custo o direito à sobrevivência.



Capoeira na década de 1930-1940 (Negro de corpo e alma, Black and body and soul, Mostra do Redescobrimento, 2000).

Os escravizados, nos dias e momentos de folga, nos terreiros das casas-grandes, nas senzalas ou na porta dos mercados, enquanto esperavam que este se abrisse, costumavam formar círculos e jogavam a capoeira sem, no entanto, ela ser identificada como luta, mas, sim, como uma brincadeira ou jogo.

Através do som do berimbau, atabaque, pandeiro e agogô, da cadência, da ginga do corpo, da simulação de um combate e da improvisação das cantigas e ladainhas, eles expressavam sua maneira de ser e existir.

O berimbau, instrumento principal, servia para dar o toque de aviso da chegada do inimigo, de pessoas estranhas ou do feitor quando praticavam a capoeira às escondidas. Ao mesmo tempo, o instrumento marcava o tempo, o ritmo e o andamento da dança, que, representada pela ginga do corpo, servia para disfarçar o caráter de luta, dando-lhe uma expressão lúdica e inofensiva.

Ainda segundo Almir das Areias (1983), antes do familiar som do berimbau que hoje conhecemos (um arco com um arame, uma cabaça, uma moeda e um pedaço de pau, denominado “berimbau-de-barriga”, ou “gunga”), havia um outro tipo de berimbau, denominado “berimbau-de-boca” ou “trompa de Paris”. A caixa de ressonância desse instrumento era a própria boca dos negros, em vez da cabaça. Isso nos lembra algumas das estratégias musicais dos jovens negros do movimento *hip-hop*, que também usam a boca como caixa de ressonância para elaborar seus sons e ritmos.

A prática da capoeira possui uma estrutura complexa. Cada elemento pode ser compreendido como parte de uma grande estrutura: a roda, o jogo, o corpo e os instrumentos. Cada um possui significados, rituais, ritmos específicos que, no seu conjunto, constituem o jogo, a luta, a arte, a expressão corporal e uma forma de discurso não verbal.

### **Mas qual é a origem da capoeira?**

*Há um amplo debate instaurado sobre as possíveis origens da capoeira, desde meados do século XIX. O historiador Carlos Eugênio Líbano Soares (1999) realizou um vasto estudo sobre diversos autores que apresentam interpretações diferentes para a origem do termo capoeira. Há pelo menos duas grandes hipóteses sobre sua origem. Uma delas relacionada ao mundo rural, à vida nas grandes fazendas e às fugas dos escravizados e a outra relacionada à vida dos escravizados nas cidades.*

*A versão mais conhecida da origem do termo capoeira é a que se refere, segundo Soares, a sua origem, que vem da palavra capueira, que significa mato, vegetação rala, roça abandonada. Falava-se muito do negro que fugia e “meteu-se na capueira”, ou seja, no mato. A capoeira neste caso estaria relacionada ao mundo rural, dos negros fugitivos e dos quilombos.*

*Há também uma outra versão, menos mencionada, que relaciona a palavra a um cesto onde se prendem capões, galinhas e animais de criação, conhecidos na época como capus. Estes cestos eram usados para desembarcar e carregar mercadorias. Soares nos traz a opinião de outro estudioso, a do argentino radicado no Brasil, Adolfo Moralles de Los Rios Filho, que, em artigos publicados em 1926, discordou daqueles que atribuíam o termo capoeira aos usos e refúgios de escravos fugidos. O autor argentino aponta para a seguinte reflexão: por que os escravos em situação de fuga escolheriam “misérrimas capoeiras” (o mato ralo, roça abandonada) ao invés de se refugiarem no cume das montanhas e nas serras difíceis de serem escaladas pelos capitães do mato? Na opinião desse estudioso, a*

capoeira teria sua origem a partir dos escravos, que no período colonial, eram carregadores quase exclusivos dos grandes cestos usados para desembarcar e carregar mercadorias, chamados “capú” e está relacionada ao mundo das cidades. Segundo esse autor, “capoeiros”, ou aqueles encarregados de carregar o “capú”, como açougueiros, leiteiros e aguadeiros formariam outros tantos ofícios da escravaria urbana.

A capoeira como luta teria nascido nas disputas entre esses escravos carregadores de mercadorias dos navios, nas horas de lazer, nas simulações de combate, que pouco a pouco se tornaram habilidades refinadas, onde se lutava pela liderança no grupo. Dessas disputas de pernas e braços teria nascido o “jogo da capoeira” ou a dança do escravo carregador de “capú”.

Há outra versão sobre a origem da capoeira que a considera como um jogo atlético introduzido pelos africanos, no qual se exercitam por mero divertimento usando unicamente dos braços, das pernas e da cabeça para subjugar o adversário, e ora usando cacetes e facas de ponta, de onde resultam ferimentos e às vezes até a morte de um dos jogadores. A capoeira teria suas origens no continente africano.

Soares também nos apresenta o depoimento do viajante português Neves de Souza, que, no início dos anos 1960, registrou em Angola uma dança cerimonial de iniciação, praticada entre grupos da região de Mocupe e Mulondo, atual sul de Angola. Realizada durante as festas do Mufico, rito de puberdade das moças do grupo. É executada dentro de um grande círculo de pessoas da tribo, que batendo palmas fazem a cadência. Dentro da roda dois jovens realizam a Dança da Zebra, ou N’Golo, na qual, imitando movimentos de animais, tentam atingir o rosto do oponente com o pé.

Além dela, o autor cita também a Bássula – luta de pescadores da região de Luanda (Angola) que pode ser também considerada como um dos ancestrais da capoeira carioca – seu principal foco de estudo. Estudos recentes mostram a persistência de danças marciais negras semelhantes à capoeira, como a mani ou bombosa de Cuba e a lagya de Martinica para povos de origem escrava do Caribe, o que pode atestar a disseminação das danças aqui descritas em um arco mais amplo que o Brasil.

Apesar de tantas versões sobre a origem da capoeira no Brasil, uma coisa é certa: na primeira metade do século XIX essa luta estava irremediavelmente ligada à condição escrava e à origem africana. Ao analisar a documentação histórica referente a esse período, Soares observa que todas as nações africanas escravizadas no Brasil tiveram representantes presos como capoeiras, nas mais diversas proporções nesse período. Esses

*dados, segundo o autor, reforçam a ideia da capoeira ser uma invenção escrava, isto é, ter sido criada no Brasil, nas condições específicas da escravidão urbana, por africanos.*

(Carlos Eugênio Libano Soares. A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial de 1850-1890. Rio de Janeiro: Acess, 1999, p. 23-24.)

## **Os capoeiras na Corte e na República**

Os capoeiras tornaram-se figuras temidas durante o Império e a República, constituindo grupos que usavam roupas, cores e códigos específicos e, inclusive, se rivalizavam uns com os outros. Eram perseguidos pela polícia e considerados desordeiros. Muitas vezes, os políticos locais “contratavam” os capoeiras como seus defensores, a fim de protegê-los dos inimigos.

Juntamente com prostitutas, malandros, boêmios, estivadores e policiais, os capoeiras faziam parte dos barulhentos e diversificados grupos populares existentes nas ruas da Corte Imperial do Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil nos últimos anos do século XIX. As “maltas de capoeira”, grupos de negros ou homens pobres de todas as origens, carregando facas e navalhas, atravessando as ruas em “correrias”, assustavam as camadas médias e as elites brasileiras, sendo temidos por todos pelos seus hábeis e violentos golpes de corpo.

Na primeira metade do século XIX, a capoeira era quase exclusiva dos escravizados e da população negra urbana em geral. No decorrer dos anos, no entanto, ela incorporaria homens brancos, imigrantes europeus de várias nacionalidades, mostrando a riqueza e a complexidade da cultura negra e urbana.

## **Fiéis soldados da princesa**

*Ao contrário do que muitos podem pensar, ser abolicionista não significava necessariamente ser republicano no Brasil do final do século XIX. Com antepassados habituados, nas sociedades africanas, a um regime próximo do monárquico, muitos negros apreciavam a ideia de ser governados por reis e rainhas, e mantiveram-se fiéis ao Império até o fim. É o caso dos componentes da Guarda Negra da Redentora, formada por um grupo de ex-escravos logo após a assinatura da Lei Áurea, pela princesa Isabel, em 1888. A especialidade desta milícia, temida pela truculência, era dispersar manifestações republicanas. Seus argumentos não estavam nas*

*palavras, mas nos pontapés e rabos de arraia que distribuíam a torto e a direito e de forma certa, pois eram exímios capoeiristas. A Guarda Negra durou pouco tempo, pois seus líderes foram presos logo após a Proclamação da República, em 1889.*

Disponível em: <<http://www.nossahistoria.net>>.

Os capoeiras e suas maltas também tiveram papel decisivo no jogo político da Corte Imperial durante as últimas décadas da monarquia. Entretanto, é a partir da instauração do regime republicano que se dá a época áurea de repressão à capoeiragem e aos capoeiras. O marechal Deodoro da Fonseca, uma vez no poder e precisando afirmar a República enquanto novo regime instituído, deu importância central à manutenção da ordem como uma marca do seu governo. Para cumprir o seu programa sem eventuais problemas, teve como uma de suas metas o extermínio total dos “vadios e turbulentos capoeiras”.

Embora entre os capoeiras existissem filhos e protegidos de personalidades ilustres da época que se utilizavam, com finalidades políticas, dos serviços dos capoeiras, no início do regime republicano as maltas foram desmanteladas, os seus chefes encarcerados ou exterminados. Mas a capoeiragem continuou o seu trajeto.

Segundo Carlos Eugênio Líbano Soares (1999), os estados da Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco podem ser considerados como aqueles em que os capoeiras mais se concentravam e onde mais comentários havia entre o povo e a imprensa local sobre as suas proezas e atitudes irreverentes. Foi no Rio de Janeiro, então capital do país e centro comercial da época, onde as atividades dos capoeiras foram mais intensas e sua repercussão mais desenvolvida. A imprensa local, crônicas, livros, romances, contos e a própria história estão cheios de feitos de capoeiras como Mamede, Aleixo Açougueiro, Maneta, Pedro Cobra e outros. De todos, porém, Manduca da Praia foi o símbolo máximo da capoeiragem no Rio de Janeiro.

Embora reprimida e perseguida, a capoeira continuou o seu percurso. Às escondidas, nos quintais, nas praias, nos terreiros e nos arredores da cidade os capoeiras, após a abolição da escravidão e com o advento da República, exercitavam e aperfeiçoavam a sua prática e a transmitiam para as futuras gerações.

Somente nos anos 1930 a 1940, a capoeira volta à cena brasileira de maneira pública, por meio do presidente Getúlio Vargas, na revolução de 1930, como uma das estratégias políticas do seu governo para angariar a

simpatia das massas e assim exercer um maior controle sobre estas e suas manifestações populares. Era, na verdade, uma permissão autoritária, pois ao liberar as ditas manifestações populares o Estado passa a determinar as regras e normas para a sua prática.

A partir desse momento, a capoeira poderia ser praticada livremente, mas desvinculada de qualquer ato considerado marginal, subversivo ou agitador. Poderia ser apresentada como folguedos nos festejos populares, como espetáculo folclórico em lugares determinados. Ela passa a ser interpretada como “esporte popular” e símbolo da nacionalidade brasileira, praticada em locais fechados e por pessoas consideradas “idôneas e de bem”.

Desse momento em diante, vários foram os contornos assumidos pela capoeira e pelos capoeiristas. Surgiram novas lideranças e modalidades. A capoeira de Angola, caracterizada pela constante inventividade onde os movimentos eram criados baseando-se apenas nos movimentos naturais do corpo, passa a conviver com um novo estilo, criado pelo mestre Bimba, fundador da primeira escola de capoeira, que ele chamou de capoeira regional baiana. Mestre Bimba inovou a sua arte, dando uma técnica precisa aos movimentos, estudando o seu equilíbrio, criando os ataques e as defesas agarrados, para momentos em que o capoeirista não tivesse espaço para se movimentar, e desenvolveu técnicas das defesas contra as armas e o jogo pelo alto, até então praticado quase que exclusivamente pelo chão. Se por um lado, com sua liberação e o surgimento do mestre Bimba e da capoeira regional, a capoeira ganha objetividade competitiva, status e projeção, de outro, perde muito da sua característica de manifestação popular espontânea.

Dentro desse contexto de mudança, a capoeira passa a ser usada pelos governos, principalmente no estado da Bahia, como manifestação cultural para turistas ou como esporte. A história, a dimensão social e cultural e de resistência negra da capoeira mescla-se com novas ideias e novos praticantes. Aos poucos, a classe média, intelectuais, militantes, políticos, profissionais liberais começam a praticá-la. A relação entre capoeira-malandragem-marginalidade modifica-se. A capoeira passa por mudanças históricas, políticas e culturais e, no contexto da década de 70, nos anos da ditadura militar, a sua interpretação e prática como uma luta tende a diluir-se ainda mais.

Entretanto, esse não é um movimento homogêneo. Outros mestres de capoeira vão surgindo, as modalidades de capoeira Angola e regional ganham novos adeptos, novos batismos de capoeiras ocorrem. Dentro do universo dos capoeiras encontramos filosofias e modos diferentes de ver e

interpretar a própria capoeira e a sua origem. No entanto, a história de luta e resistência, somada à expressão do corpo, à educação dos sentidos, à relação do homem com a natureza e com a cultura continuam sendo dimensões muito expressivas dessa luta, arte e dança.

### **O mestre Pastinha**

*Vicente Ferreira Pastinha nasceu em 1889, filho do espanhol Jose Senior Pastinha e de Dona Maria Eugenia Ferreira. Seu pai era um comerciante, dono de um pequeno armazém no centro histórico de Salvador e sua mãe, com a qual ele teve pouco contato, era uma negra natural de Santo Amaro da Purificação e que vivia de vender acarajé e de lavar roupas.*

*Com oito anos de idade Pastinha conheceu a arte da capoeira. Quem o iniciou foi um negro africano a quem chamava de tio Benedito, que ao ver Pastinha um menino pequeno e magrelo apanhar de um garoto mais velho resolveu ensinar-lhe a arte da capoeira. Passava tardes inteiras treinando num velho sobrado da rua do Tijolo, em Salvador. Ali aprendeu além de tudo a jogar com a vida e a ser um vencedor.*

*Viveu uma infância feliz, porém, modesta. Durante as manhãs frequentava aulas no Liceu de Artes e Ofícios, onde também aprendeu pintura. À tarde, empinava arraia e jogava capoeira. Com 13 anos era o mais respeitado e temido do bairro. Mais tarde, foi matriculado por seu pai na Escola de Aprendiz de Marinheiro que não concordava muito com a prática da capoeira, pois achava que era muita vadiagem. Conheceu os segredos do mar e ensinou aos amigos que conquistou a arte da capoeira.*

*Aos 21 anos, voltou para o centro histórico, deixando a Marinha para se dedicar à pintura e exercer o ofício de pintor profissional. Suas horas de folga eram dedicadas à prática da Capoeira, cujos treinos eram feitos às escondidas, pois no início do século esta luta era crime previsto no Código Penal da República.*

*Em fevereiro de 1941, fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, no casarão n.º 19 do Largo do Pelourinho. Esta foi sua primeira academia-escola de Capoeira. Disciplina e organização eram regras básicas na escola de Mestre Pastinha, e seus alunos sempre usavam calças pretas e camisas amarelas, cores do Ypiranga Futebol Clube, time do coração de Mestre Pastinha.*

*Pastinha trabalhou bastante em prol da Capoeira, representando o Brasil e a Arte Negra em vários países. Na opinião de Mestre Decânio, Pastinha foi "o primeiro capoeirista popular a analisar a capoeira como*

filosofia e a se preocupar com os aspectos éticos e educacionais de sua prática". Ele foi uma das figuras mais queridas de toda a Salvador, por sua extrema devoção à capoeira. Mesmo depois de idoso, jogava capoeira como um jovem exímio, executando sua movimentação com perfeição e agilidade.

Com 84 anos de idade, doente, e fisicamente debilitado, foi morar no Pelourinho em um pequeno quarto, com sua segunda esposa, Dona Maria Romélia, deixando a antiga sede da Academia, devido aos problemas financeiros, o único meio de sobrevivência provinha dos acarajés que sua esposa vendia.

Em abril de 1981, participou da última roda de Capoeira de sua vida. Numa sexta-feira, 13 de novembro do mesmo ano, Mestre Pastinha se despedia desta vida aos 92 anos, cego e paralítico, vítima de uma parada cardíaca fatal.

---

Disponível em: <<http://www.terenet.com.br/~senzala/biopastinha.htm>> e <<http://www.capoeirado brasil.com.br/pastinha.htm>>.